



## **Riscos, ataques e traumas: a vulnerabilidade das jornalistas mulheres**

*Maria Catharina Iavorski Edling<sup>1</sup>*

*Lucas Vinicius Santos Ribeiro<sup>2</sup>*

*Paula Melani Rocha<sup>3</sup>*

### **RESUMO**

A reflexão discute sobre a relação entre riscos e traumas decorrentes da prática jornalística, com enfoque nas profissionais mulheres. O objetivo é identificar possíveis relações entre os ataques contra as profissionais mulheres, traumas e demarcações de gênero. A discussão situa-se no contexto brasileiro marcado pela pandemia da Covid-19 e do governo do então ex-presidente Jair Bolsonaro, acontecimentos que geraram traumas aos jornalistas e às jornalistas que tiveram um agravante generificado nos ataques. Os dados foram subtraídos dos monitoramentos de violência contra jornalistas da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo e da Federação Nacional dos Jornalistas. A discussão conceitual ancora-se nos estudos de jornalismo, trauma e de gênero.

**Palavras-Chave:** Jornalistas mulheres. Jornalismo de Trauma. Violência de Gênero.

### **INTRODUÇÃO**

A reflexão discute sobre os riscos e traumas no exercício do jornalismo no Brasil com enfoque na relação entre ataques contra profissionais em decorrência da prática jornalística, com recorte nas jornalistas mulheres, por estarem em posições mais vulneráveis, a partir de uma perspectiva generificada.

A reflexão apresenta resultados parciais de dois projetos de iniciação científica em desenvolvimento, sendo que o primeiro tem como objetivo levantar uma revisão bibliográfica de estudos sobre trauma e jornalismo<sup>4</sup> e a segunda pesquisa procura, a partir dos dados da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), analisar o crescimento da violência contra jornalistas mulheres considerando as variáveis - editorias, idade, cor/raça, tipo de agressor, tipo de agressão, meio em que foi atacada-, e os riscos no exercício da profissão<sup>5</sup>. Assim, a discussão propõe a interconexão entre riscos, ataques e traumas

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa e bolsista Pibex financiada pela Fundação Araucária e integra o projeto de pesquisa Jornalismo e Gênero (CNPq). Correio eletrônico: mariacatharina18@gamil.com.

<sup>2</sup> Acadêmico de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa e bolsista Pibic financiado pelo CNPq. Integra o grupo de pesquisa O conhecimento no Jornalismo (CNPq). Correio eletrônico: 20008567@uepg.br.

<sup>3</sup> Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e da graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Desenvolve o projeto de pesquisa Riscos e traumas no jornalismo. Inovação tecnológica e a feminização da profissão - Bolsa produtividade CNPq-PQ2. Correio eletrônico: paulamelani@gmail.com.

<sup>4</sup> Riscos e Traumas no exercício do jornalismo: uma revisão integrativa da literatura em bases científicas da área entre 2017 e 2022.

<sup>5</sup> Violência contra mulheres jornalistas durante a prática profissional: Análise dos dados da ABRAJI referente aos anos 2021-2022.



envolvendo as jornalistas mulheres, ancorada nos estudos de jornalismo de trauma e gênero. Os dois estudos integram o projeto de pesquisa Riscos e traumas no jornalismo. Inovação tecnológica e a feminização da profissão que está sob a égide do grupo de pesquisa Jornalismo de Trauma e Educação - JETREG<sup>6</sup>. A premissa é que os jornalistas 'correm riscos de lesões físicas, emocionais, morais e psicológicas devido à exposição a eventos traumáticos ao longo de suas carreiras' (JETREG, s/d) e situações estressantes vêm se intensificando na sociedade de riscos (BECK, 2011).

O monitoramento apresenta dados de 2021 e 2022, durante esse período o mundo viveu a pandemia da Covid-19. O Brasil estava sob o governo do então presidente Jair Bolsonaro, que assumiu uma política negacionista e de ataques à imprensa. De acordo com os dados do mapeamento da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)<sup>7</sup>, 61,25% dos jornalistas brasileiros tiveram um aumento de ansiedade e estresse com o trabalho durante a pandemia. Somando com o contexto político do país, houve os ataques contra esses profissionais. Em 2022, a ABRAJI registrou 353 ataques contra jornalistas.

Ao considerar a relação entre a prática de jornalística, o ambiente favorável a coberturas que geram traumas e os ataques generificados, o objetivo é identificar fatores de vulnerabilidade sobre as jornalistas e as relações com os marcadores sociais. De acordo com a varredura realizada na tabela de Monitoramento da Violência contra Jornalistas da ABRAJI, foram identificados em 2021, 453 ataques vitimando jornalistas, meios de comunicação ou a imprensa em geral, destes 119 ataques foram contra mulheres jornalistas. Já em 2022, o monitoramento da Abraji registrou 557 agressões a jornalistas, meios de comunicação e imprensa em geral, destes 145 casos foram identificados como agressões generificadas.

## **TRAUMA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: AS PROFISSIONAIS SOB ATAQUES**

Na prática jornalística, ocorrências de traumas estão sujeitas a acontecer cotidianamente, quando o jornalista está exposto a situações que podem acionar gatilhos e posteriormente ao desenvolvimento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Seja durante a cobertura de um protesto político, ou de crimes violentos, ou catástrofes e desastres naturais, mas também no trabalho interno às redações como edição em audiovisual ou imagens de conteúdos sensíveis, os jornalistas estão sujeitos ao trauma (BRAYNE, 2008).

---

<sup>6</sup> O grupo compreende uma pesquisa em rede internacional multicêntrica. Disponível em: <https://jetreg.blogs.lincoln.ac.uk/about-jetreg/>.

<sup>7</sup> Com base nas respostas da pesquisa da Federação Internacional dos Jornalistas, aplicada no Brasil pela FENAJ entre os dias 26 e 28 de abril de 2020.



Também nos referimos às histórias vulgares, do dia a dia, mundanas, de sofrimento extremo que ocorrem muito mais perto de nossa casa. A sinistralidade rodoviária; o abuso de crianças; a violência sexual e as violações; os julgamentos de assassinos; distúrbios sociais; (BRAYNE, 2008, p. 36).

Outro ponto é que o profissional de jornalismo não precisa estar envolvido diretamente com um evento traumático para que o mesmo venha a desenvolver um quadro de TEPT no futuro. Nas redações, aqueles que ficam responsáveis pela edição de materiais, desenvolvimento de pautas ou supervisão do trabalho de outros profissionais também estão sujeitos a desenvolver os mesmos problemas enfrentados por jornalistas que enfrentaram uma situação traumática.

Nogueira e Serva (2022) discorrem sobre o chamado Transtorno de Estresse Pós-Traumático Secundário, que é quando os jornalistas desenvolvem os mesmos sintomas do TEPT, mas de forma indireta. Por exemplo, jornalistas mulheres que cobrem casos de violência contra mulheres e recebem diariamente relatos ou vídeos desses acontecimentos podem desenvolver o trauma secundário, por estarem lidando com situações de violência diariamente.

O trauma secundário, também conhecido como trauma vicário ou ainda “fadiga da compaixão”, refere-se a um quadro de sintomas psicológicos e físicos que remetem ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático, mas que são adquiridos por meio da interação com pessoas que sofrem os efeitos do trauma ou como resultado da exposição a materiais gráficos ou textuais potencialmente traumatizantes. (NOGUEIRA, SERVA, 2022, p. 7).

Estudo aplicado em 916 trabalhadores da mídia canadense<sup>8</sup> apontou que os níveis de estresse pioraram no contexto da pandemia, impactando na saúde mental dos trabalhadores, com registros de depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático (Taking Care , 2022, p.9). No Brasil, a Pesquisa de Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima et al., 2022), realizada com 6.594 entrevistados durante o período da pandemia, indicou que 66,2% da amostra referiu sentir estresse no trabalho, 65,9% deles foram diagnosticados com estresse, e 20,1% responderam que receberam o diagnóstico de transtorno mental relacionado ao trabalho. Os ataques e riscos no exercício da profissão afetam a saúde dos profissionais, somado a um contexto de crise do próprio mercado de trabalho.

Entre os gatilhos do trauma está a violência contra esses profissionais e nesta perspectiva, é importante ressaltar o número expressivo de violências generificadas contra jornalistas mulheres no Brasil, durante o período pandêmico e do governo do então ex-

---

<sup>8</sup> Participaram do *online survey* mais de 7.029 jornalistas entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021.

presidente Bolsonaro (Monitoramento da Violência contra Jornalistas, ABRAJI). Assim, se referindo aos dados citados anteriormente, no relatório da ABRAJI, considerando a interseccionalidade de outras categorias, é possível identificar que mulheres que cobriram política neste período - pandemia e Governo Bolsonaro - foram os maiores alvos de ataques. No ano de 2021, 60% dos ataques registrados foram motivados por cobertura jornalística de natureza política. Em 2022, a cobertura política esteve conectada a 62,7% dos alertas. A maioria das jornalistas é branca, com relação à faixa etária há pouca diferença entre os ataques a mulheres de 25 a 39 anos (44 ataques) e entre 40 e 60 anos (47 ataques) em 2022, e a maior parte trabalha na região Sudeste<sup>9</sup>. Outro ponto de convergência entre 2021-2022 refere-se ao perfil dos agressores: as autoridades políticas estão entre os maiores agressores contra as jornalistas (Monitoramento..., 2022).

Gisele Barão, Giulia Sbaraini Fontes e Francisco Paulo Jamil Marques (2021) analisam como as mulheres jornalistas são impactadas por essas violências resultando no desenvolvimento de autocensura, traumas e estresse. As autoras revelam ainda que há uma baixa incidência de auxílio para essas profissionais por parte das empresas de comunicação.

Para Chen et al. (2018), um aspecto fundamental na hostilidade de gênero é o foco em atributos sexuais ou na violação de padrões sociais de comportamento. Tais agressões têm gerado repercussões profissionais e pessoais diversas para mulheres jornalistas, incluindo autocensura (POSETTI et al., 2021); alterações no envolvimento com o público (STAHEL; SCHOEN, 2019); recusa em participar de determinadas pautas ou coberturas por receio de agressões (CARLSON; WITT, 2020; RAO; RODNY-GUMEDE, 2020); e deterioração da autoestima e da saúde mental (ADAMS, 2017) [...] (BARÃO, FONTES E MARQUES, 2021, p.4-5)

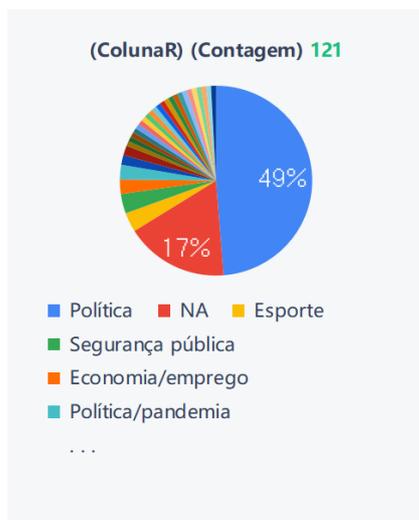
As mulheres jornalistas nestes ambientes de crise foram impactadas, principalmente as jornalistas que cobriram pautas relacionadas à política. Essas mulheres, normalmente, já têm sua carreira consolidada no jornalismo, visto que a idade média na varredura da ABRAJI mostra que essas mulheres estão na faixa dos 40 aos 60 anos, e também entende-se que para cobrir política é necessário uma bagagem na profissão. Os dados da pesquisa demonstram os seguintes dados em relação a violência contra essas jornalistas que trabalham na editoria política, respectivamente nos anos de 2021 e 2022.

---

<sup>9</sup> É válido lembrar que as mulheres brancas (68,4%) e com até 40 anos são maioria no jornalismo (LIMA et al, 2022) e que a região Sudeste concentra mais veículos de imprensa (34,5%) em comparação com as outras regiões do país, seguida pela região Sul com 25,3%, Nordeste 18,3%, Centro Oeste 14,5%; e Norte 7,3% (Atlas da Notícia, 2022).



FIGURA 1



FUGURA 2



Os dados revelam que a maior parte dos ataques contra as profissionais mulheres foram generificados e 33,8% foram ameaças, intimidação e ciberameaças e 4,8% assédio e violência sexual;

## CONCLUSÃO

As mulheres são maioria na profissão e ainda carregam os marcadores sociais de gênero, raça, classe e sexualidade tornando-se mais vulneráveis a ataques generificados e traumas. Por outro lado, estão mais desprotegidas de seguridade profissional em um ambiente cercado por crises - pandemia, do próprio jornalismo, política, econômica, de saúde e social -, as profissionais mulheres tornaram-se alvo, sobretudo das fontes oficiais em âmbito federal (Presidente da República, ministros e cargos de confiança), como de aliados políticos e apoiadores. Diferente das agressões direcionadas aos colegas de profissão, as jornalistas sofreram violências de gênero, em especial as profissionais que realizaram coberturas políticas, como mostram os monitoramentos da ABRAJI e FENAJ.

As duas pesquisas ainda estão em processo e até essa etapa provocam a pensar a necessidade de discutir estratégias de resiliências, abordagens em coberturas traumáticas, cuidados no processo de investigação com a seguridade física e emocional das e dos jornalistas e o enfrentamento de marcadores sociais sob as profissionais mulheres já nos cursos de graduação.



## REFERÊNCIAS

Atlas da Notícia. Mapeando o jornalismo local no Brasil. 2022. Disponível em <https://www.atlas.ior.br/>.

BARÃO, Gisele; FONTES, Giulia Sbaraini; MARQUES, Francisco Paulo Jamil. Mulheres jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: Como as relações de gênero interferem na produção jornalística? **VIII Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo**. ed 2021

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade**. São Paulo, Ed.34. 2011.

BRAYNE, Mark. **Emoções, trauma e bom jornalismo**, Cadernos de Estudos Africanos, 15. 2008, 31-46.

CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder; BUENO, Samira. Atlas da Violência 2021. São Paulo: FBSP. 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>

ESTÁ tudo bem? **Guia básico de saúde mental para jornalistas**. 2022. Disponível em: <https://www.redescordiais.com.br/wp-content/uploads/2022/07/Guia-Basico-de-Saude-Mental-para-Jornalistas.pdf>.

LIMA, Samuel; MICK, Jacques; NICOLETTI, Janara. Perfil do Jornalista Brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. (2022). 1. ed. Florianópolis: Quorum Communications. <https://perfildojornalista.ufsc.br>.

Miller, Nassem S. **Trauma-Informed Journalim: What it is, why it's important and tips for practicing it**. The Journalism Resource, 13 de abr. 2022. Disponível em: <https://journalistsresource.org/home/trauma-informed-journalism-explainer/>.

MONITORAMENTO DE ATAQUES A JORNALISTAS NO BRASIL. 2021/2022. Disponível em <https://abraji.org.br/projetos/violencia-de-genero-contra-jornalistas>.

MULHERES NO JORNALISMO BRASILEIRO. Gênero e Número e Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, 2017. Disponível em [http://mulheresnojornalismo.org.br/12901\\_GN\\_relatorioV4.pdf](http://mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf).

NATURAL DISASTERS IN LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN - 2000-2019 (2020). Disponível em: [https://www.humanitarianresponse.info/sites/www.humanitarianresponse.info/files/documents/files/20191203-ocha-desastres\\_naturales.pdf](https://www.humanitarianresponse.info/sites/www.humanitarianresponse.info/files/documents/files/20191203-ocha-desastres_naturales.pdf).

NOGUEIRA, P. S. SERVA, L. R. P. Front Digital: o trauma psicológico secundário nos editores de fotojornalismo. **Revista Foco**, Curitiba, v. 15, n. 5, p. 01-15, 2022.

TAKING CARE - A REPORT ON MENTAL HEALTH, WELL-BEING & TRAUMA AMONG CANADIAN MEDIA WORKERS. 2022. Disponível em: [https://static1.squarespace.com/static/60a28b563f87204622eb0cd6/t/6285561b128d0447d7c373b2/1652905501967/TakingCare\\_EN.pdf](https://static1.squarespace.com/static/60a28b563f87204622eb0cd6/t/6285561b128d0447d7c373b2/1652905501967/TakingCare_EN.pdf)

**8º COLÓQUIO**  
**MULHERES E SOCIEDADE**

ISSN 2317-2665

**19 e 20 de abril**



VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS E LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL.

Relatório 2021. 2022. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021-v2.pdf>

VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA JORNALISTAS. Dados sobre os ataques com viés de gênero e casos que vitimaram mulheres no Brasil em 2021. Abraji; UNESCO, 2022.

Disponível em: [https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication\\_info/details\\_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relat rio Viol ncia de g nero contra jornalistas PT.pdf](https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relat%20rio%20Viol%C3%Aancia%20de%20g%C3%A9nero%20contra%20jornalistas%20PT.pdf)